

## APRESENTAÇÃO – Dossiê Temático ESCREVER, DANÇAR, CRITICAR: outros movimentos coimplicados de escrita, dança e crítica

Quando o escrever deixa de ser **sobre** e passa a ser **com** o que se escreve, bem como quando o dançar é **com** o que se dança e a crítica é **com** o que se critica, convergimos para a percepção sobre outros discursos que performam criticidades e artisticidades nas escritas de artistas e processos pensando a própria crítica de dança de modo expandido. Eis o movimento deste dossiê temático da nona edição da *Revista Dança*, que celebra, em 2021, uma década de existência: pensar as danças, as escritas e as críticas como **ações coimplicadas** (ARRAIS, 2008, 2013, 2016) possibilita uma nova compreensão dos processos relacionados à produção de discursos em/sobre/de dança e de quais criticidades tais discursos configuram.

Com chamada lançada em 2019 e relançada em 2021 devido à pandemia da covid-19, o dossiê temático *As escritas da dança e as críticas de dança: entre o escrever, o dançar e o criticar* é composto de seis artigos inéditos e cumpre um papel relevante tanto pelo assunto que demarcam como pela continuidade da revista. Os artigos tratam de acionamentos sensíveis em termos estéticos e políticos de pessoas autoras e pesquisadoras da dança que se interessam pelas criticidades da dança e das artes da cena e que se preocupam com as discussões em torno da crítica e da escrita crítica que tensionam ideias e ações de pesquisa em dança.


Desse modo, este dossiê reinsere o debate sobre as escritas da/de dança no debate acadêmico pensando-as de forma específica e expandida. Os seis artigos juntos sintetizam e, ao mesmo tempo, expandem a proposta inicial da chamada, configurando o dossiê como diverso na medida em que converge pessoas autoras e suas respectivas instituições de ensino superior de todas as regiões: Norte – Manaus-AM –, Nordeste – Fortaleza-CE e Recife-PE –, Centro-Oeste – Brasília-DF –, Sudeste – Rio de Janeiro-RJ – e Sul – Florianópolis-SC.

O dossiê, em sua composição geral e em seus entranhamentos temáticos, provoca o leitor a pensar a escrita com o escrever, a dança com o

Joubert de Albuquerque

Arrais

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Universidade Federal do Cariri (UFCA – Juazeiro do Norte). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança) da UFBA. Email: joubertarrais@gmail.com



dançar e a crítica com o criticar e movimentar tais agrupamentos como três campos de forças do que vem a ser as escritas da dança e as chamadas críticas especializadas de dança. Assim, questiona: do que falamos quando escrevemos, dançamos e criticamos como ações que se retroalimentam e se autoquestionam em suas distinções? Quando falamos em criticar, estamos pensando tanto a crítica quanto a ação de crítica como um fator de transformação e relação, não como uma ação de reação àquilo que vemos e presenciamos.

Cada artigo é singular no tempo da conectividade com os demais, e seus títulos suscitam, logo de partida, diversas significações e provocações e evidenciam um propósito: apresentar as criticidades como articulações do pensamento crítico e não apenas a crítica dita especializada tensionando a palavra, o corpo, a luta, o animal humano, as resistências, as vitalidades e os arquivos.

No artigo *A palavra tem um corpo*, a pesquisadora e criadora em dança e performance Ivana Menna Barreto trata do pensamento crítico localizado nas zonas fronteiriças da experiência corpo-palavra tensionando a relação discurso, interdição e performatividade. Seu argumento é, se a palavra tem corpo, é no “ser corpo” que a palavra crítica constitui um corpo, algo que a autora explora em sua pesquisa sobre autoria em rede e as implicações políticas dessas ações compartilhadas (BARRETO, 2017). Na discussão, a autora demarca que há uma diminuição entre a ação de quem critica e a ação de quem atua – quem dança – que se origina de uma crítica que é construída e formulada no corpo a corpo da própria criação artística.

Já a artista e pesquisadora Flávia Meireles, em *Quem luta e como?: contextos artísticos na Lia Rodrigues Companhia de Danças*, apresenta uma discussão política sobre a **branquitude** (CARDOSO; MÜLLER, 2017) no que diz respeito às suas atuações identitárias e às emergências territoriais e pergunta e convoca: que corpos são esses que lutam, quando lutam e como lutam? Para tanto, a autora propõe como marcador político o “contexto artístico” em sua dimensão social da arte, no caso, o da Lia Rodrigues Companhia de Danças, do Rio de Janeiro. Meireles politiza o debate na medida em que também coloca em xeque a norma capitalista neoliberal e os modos como esta se intrinca na chamada arte institucionalizada. A autora, assim, propõe o questionamento: como, então, teorizar sobre os limites e os desafios das lutas dependendo da posicionalidade delas?

Agora, em *Peixe diabo, peixe dente e peixe tesoura: a fricção entre texto e dança em Piranha*, de Wagner Schwartz, a artista e pesquisadora Jussara

Belchior Santos, doutoranda de Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), investiga e explora a obra *Piranha* (2009), de Wagner Schwartz, identificando as relações que a obra estabelece e tensiona entre o texto e a dança, ou melhor, como o corpo e a palavra acionam e constituem um **fazer-dizer** performativo (SETENTA, 2007) de uma obra de dança. Há no espetáculo uma fricção corpo-palavra, como enfatiza a autora, apoiada na figura da piranha – em termos metafóricos e figurativos – com o dispositivo texto-legenda.

Na sequência, tem-se o artigo *Escritas para resistir: as florestas e corpas que dançam*, da artista da dança e pesquisadora Yara dos Santos Costa Passos, docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Em seu artigo, a autora apresenta uma discussão preciosa e urgente ao revisitar o conceito de corpos da floresta, da sua tese de doutorado, e propor migrar as suas flexões em gênero e número para **corpas** das florestas. Assim, as escritas de resistência se evidenciam como um coletivo de corpas que dançam e sobrevivem no que há de volubilidade que sustenta os caminhos tomados para desestabilizar os chãos hegemônicos da macroesfera social, cultural, econômica e política do Brasil. Evidencia-se que Passos traz no seu alicerce a **Teoria Corpomídia** (KATZ; GREINER, 2015) quando a autora percebe a corpa no seu fazer dançando em uma ação-transição.

Já o pesquisador e jornalista cearense Danilo César Castro Lima, mestre em Artes pela Universidade de Brasília (UnB), discute a dança junto às artes cênicas a partir de uma ideia-conceito: a **biocrítica** como uma escrita viva e afetiva. Com o artigo *Biocrítica: uma escrita analítica, afetiva e artística que se move junto ao corpo como uma válvula de libertação*, o autor busca apresentar possibilidades e noções advindas de diferentes pessoas autoras para expandir a ideia de crítica e de criticidade com a cena com viés filosófico. Na argumentação, ele defende a crítica e a escrita crítica como um ato que também se configura como performativo, artístico e em movimento, além de analítico. Ainda, Lima trabalha a estética epistolar e biográfica como possibilidades para uma escrita crítica que se assemelha a um tipo de **cartografia sentimental** (ROLNIK, 2016) quando atravessada pela percepção sobre quem faz a crítica, uma vez que, quem a faz, insere e entrelaça suas memórias, subjetividades e reflexões sociológicas.

Fechando o dossiê, o artigo da pesquisadora Roberta Marques Ramos, docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), aprofunda a pesquisa da autora sobre história da dança sob uma perspectiva performativa e

historiográfica de corpos e escritas arquivistas. Em *Uma biblioteca de dança “mais na carne”: histórias dissonantes das experiências com dança para vidas presentes*, Ramos propõe discutir os caminhos epistemológicos, artísticos e curatoriais do projeto Biblioteca de Dança, estreado em 2017 na Bahia pelos artistas Jorge Alencar e Neto Machado. Além disso, a autora problematiza a concepção de história da dança e como esta pode afetar a construção do conhecimento também no seu ensino, ao pensar o **corpo como arquivo** (LEPECKI, 2011), justamente para problematizar o que há de performativo em uma historiografia e como tal performativo se articula com a experiência de dança.

Temos, assim, seis artigos que configuram as escritas como ações políticas, uma vez que as veem como coimplicadas e o escrever, o criticar e o dançar estão inter-relacionados. Estes são verbos de ação que, enquanto motricidades e percepções do corpo, estão comprometidos um com o outro em suas distintas naturezas. Daí nasce a perspectiva coimplicada entre a escrita, a dança e a crítica e a teoria de que elas são atravessadas pela experiência do corpo que escreve, dança, crítica e se faz presente e pulsante neste dossiê da nona edição da *Revista Dança*.

## Referências

ARRAIS, J. A. Por uma crítica coimplicada e itinerante: como e por onde se move a escrita da crítica de dança hoje? *Húmum*, Caxias do Sul, v. 5, p. 33-39, 2016.


ARRAIS, J. A. (org.) *Dança com a crítica: crítica de dança: contextos nordestinos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.

ARRAIS, J. A. *Processos co-evolutivos entre dança e crítica: de um contexto cearense a uma crítica contemporânea de dança*. 2008. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BARRETO, I. M. *Autoria em rede: modos de produção e implicações políticas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

CARDOSO, L.; MÜLLER, T. M. P. (org.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

KATZ, H.; GREINER, C. (org.). *Arte & cognição: corpomídia, comunicação, política*. São Paulo: Annablume, 2015.



LEPECKI, A. O corpo como arquivo: vontade de reencenar e as pós-vidas de obras de dança. In: OLIVEIRA JUNIOR, A. W. (org.). *A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. p. 103-140.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRS, 2016.

SETENTA, J. S. *O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade*. Salvador: EdUFBA, 2008.